



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES (BHU)**

ISABEL VITÓRIA CAMURÇA MELO

DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO: O RACISMO NOSSO DE CADA DIA

ACARAPE – CE

2020

INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES

ISABEL VITÓRIA CAMURÇA MELO

DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO: O RACISMO NOSSO DE CADA DIA

Trabalho de Conclusão do Curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, em formato de Projeto de Pesquisa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação da Prof. Dra. Joalice Conceição.

ACARAPE – CE

2020

ISABEL VITÓRIA CAMURÇA MELO
DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO: O RACISMO NOSSO DE CADA DIA

Trabalho de Conclusão do Curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, em formato de Projeto de Pesquisa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, sob a orientação da Prof. Dra. Joalice Conceição

Data de Aprovação ____/10/2020

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Profa. Dra. Joalice Conceição

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Profa. Dra. Eliane Costa Santos

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

(Campus do Malês)

Profa. Dra. Rebeca de Alcântara e Silva Meijer

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

DEDICATÓRIA

A minha família, em especial meus pais Dimas e Eveline; aos meus avós paternos Orcy e Elizabeth que desde cedo contribuíram para minha escolarização e me incentivaram sempre a estudar para obter uma formação, para garantir um bom futuro para mim; a minha irmã Beatriz que foi um dos maiores incentivos para a elaboração dessa pesquisa; a minha melhor amiga Maria Eveline que está ao meu lado sempre me apoiando, incentivando e acreditando que eu posso ir cada vez mais longe. Dedico a vocês com carinho e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por todas as experiências vividas até hoje que me tornaram um ser humano melhor, experiências que me ensinaram a ter empatia para com o próximo respeitando-o sempre e tendo consciência de que nesse mundo não existe alguém inferior a mim independente de sua raça, religião e cultura. Aos meus avós paternos Orcy e Elizabeth por serem o grande pilar de educação na minha vida, por me criarem e por sempre se orgulharem de mim. Meus pais Dimas e Eveline por sempre me incentivar a estudar e por todo orgulho em terem a primeira filha da família formando em uma Universidade Pública Federal. Agradeço aos meus amigos próximos e colegas unilabianos que tanto amo e foram um grande apoio e incentivo para eu não desistir. Sou imensamente grata a minha excelente orientadora Joalice Conceição, pois sem ela a realização desse projeto não seria possível, agradeço por cada noite corrigindo o trabalho e por acreditar em mim. Agradeço a mim mesma por conseguir, por não desistir mesmo quando pensei que não daria tempo terminar ou que as coisas não estavam fluindo. Por fim agradeço a banca examinadora por aceitar o convite e serem mulheres que tanto admiro e respeito.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. As pessoas precisam aprender a odiar, e se elas podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que seu adversário”.

Nelson Mandela

RESUMO

O presente projeto de pesquisa busca entender as razões da existência do racismo em algumas famílias da cidade de Maracanaú-CE, especificadamente nas residentes no bairro Conjunto Timbó. A pesquisa em foco pretende analisar as relações raciais no seio familiar, a fim de entendermos quais as cicatrizes causadas pelas experiências racistas vividas dentro e fora do lar, ou seja, na sociedade e identificar o racismo velado presente nas referidas famílias. Visa ainda conscientizar tais famílias acerca de suas atitudes preconceituosas e discriminatórias. Uma vez que a população negra constitui uma das faces da identidade étnica do povo brasileiro. Todavia, pretendemos com a hipótese principal promover uma reflexão acerca do processo sócio-histórico da sociedade brasileira, bem como a conscientização sobre as características físicas que diferenciam todos os seres humanos, mas não os tornam inferiores uns aos outros. Acreditamos que a pesquisa contribuirá para maior esclarecimento sobre o preconceito racial enraizado na população através do pensamento eurocêntrico de superioridade branca em relação ao negro, de modo a possibilitar a desconstrução do racismo no âmbito familiar. Na realização da pesquisa utilizaremos o método de pesquisa qualitativo, aliado a pesquisa de campo e as entrevistas semiestruturadas com as falas captadas por meio de gravador de voz, destacamos também alguns autores que irão nortear este trabalho, MUNANGA (2000), GUIMARÃES (2006), SCHUCMAN (2010), FREEMAN (2015), TOMÁS (2016) dentre outros. Ademais, espera-se que a partir desta pesquisa as gerações futuras das famílias maracanauenses não reproduzam as atitudes racistas que vivenciaram.

Palavras-chave: Raça; Racismo; Famílias.

LISTA DE SIGLAS

BHU – Bacharelado interdisciplinar em humanidades

CE – Ceará

CENSO – Conjunto de dados estatísticos dos habitantes de uma cidade, estado e nação

DNA – Ácido desoxirribonucleico

IH – Instituto de humanidades

UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	14
2.1 Objetivo Geral	14
2.2 Objetivos Específicos	14
3 PROBLEMATIZAÇÃO	14
4 HIPÓTESES	15
5 JUSTIFICATIVA	16
5.1 Referencial Teórico	19
5.2 Capítulo I - Lá e aqui: os danos causados pelo racismo	20
5.3 Capítulo II - Revelando o racismo nas famílias de Maracanaú.	21
6 METODOLOGIA	23
6.1 Tipo de Pesquisa	23
6.2 Técnicas Utilizadas	24
6.3 Delimitação do Local de Pesquisa	24
6.4 Descrição dos participantes e critérios de participação	25
6.5 Critérios de escolha dos participantes da pesquisa	25
6.6 Código de Ética	25
7 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	26
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

O racismo origina-se a partir do surgimento da categoria raça, determinando como inferiores todos os grupos étnicos do Brasil através de suas características genéticas. De acordo com Schucman (2010) essa ideologia serviu para justificar o processo da escravização e colonização dos povos africanos nas Américas. O racismo tem como base a ideia de pureza racial, que possibilitou o extermínio de judeus na Segunda Guerra Mundial, tornando assim os europeus (brancos) a raça superior a qualquer outra existente.

Em 1500 os portugueses chegam ao Brasil a partir daí iniciou-se o processo de escravidão, primeiramente com os povos indígenas que habitavam a terra e anos depois com os africanos e africanas capturados pelos colonizadores portugueses, através do tráfico negreiro. Os africanos raptados de seu continente foram forçados a trabalhar nas lavouras na condição de escravos. O processo de escravização durou cerca de 300 anos até que depois de muitas lutas e rebeliões por parte dos escravizados, em 1888 foi assinada a libertação criando assim, a Lei Áurea¹. Todavia, a lei não foi o bastante para de fato pôr fim a escravidão, tampouco para acabar com o preconceito racial que persiste até os dias atuais.

Em meados da década de 30 Freyre (1933) forja em sua obra “Casa-Grande e Senzala” o conceito de *mito da democracia racial*, na qual se baseava na crença de que existia uma relação de cordialidade entre os escravizados e seus senhores, descrevendo assim as relações raciais no país como algo amigável e pacífico. A obra também comparava o Brasil com os Estados Unidos que naquela época havia uma forte segregação racial, por meios violentos. Assim, as ideias difundidas por Freyre levam a formulação de que no Brasil não há problema racial, os brasileiros vivem racialmente de forma harmoniosa. Todavia Guimarães (2006) descreve o mito como um ideário importante para coibir os preconceitos raciais, debruçando-se especialmente na busca do surgimento da expressão “democracia racial”.

No Estado do Ceará há uma negação dos negros na construção étnica do povo cearense, o racismo não reconhecido pelos praticantes, mas existente excluindo até hoje indígenas e principalmente os negros do acesso a bens materiais, ao conhecimento e a sociedade.

¹ A Lei Áurea foi assinada no dia 13 de maio de 1888 pela Princesa Isabel, lei que pôs um fim a escravidão no Brasil e libertou cerca de 700 mil escravos.

Na cidade de Maracanaú-Ce, podemos ver que essa exclusão se dá a partir de atitudes racistas, como por exemplo, a negação de um emprego a um trabalhador negro que possui um excelente currículo, mas por não ser branco fica desempregado; também quando em sala de aula os alunos são excluídos dos trabalhos em grupo, ridicularizados quando estão à frente apresentando um seminário e cotidianamente são agredidos verbalmente com expressões como: “esse negrinho se acha o mais inteligente da turma”, “macaco”, “nego macumbeiro” “lugar de negro é na senzala”. A partir disso, é notória a presença do racismo na referida cidade e sociedade brasileira.

A partir do exposto acima a presente pesquisa, foco deste projeto cujo título é “*De geração a geração: o racismo nosso de cada dia*” busca analisar o racismo e as relações raciais presentes no âmbito familiar de algumas famílias do bairro Conjunto Timbó. O racismo está enraizado por toda estrutura da sociedade brasileira, do Ceará e de Maracanaú e como tal, acreditamos que a família é um importante segmento social e por meio dela é que se perpetua o racismo que é passando de geração a geração. Sendo assim, acreditamos que em Maracanaú aconteça.

Vera Lopes refletindo sobre o racismo nos diz:

As pessoas não herdam, geneticamente, ideias de racismo, sentimentos de preconceito e modos de exercitar a discriminação, antes os desenvolvem com seus pares, na família, no trabalho, no grupo religioso, na escola. Da mesma forma, podem aprender a ser ou tornar-se preconceituosos e discriminadores em relação a povos e nações (LOPES, 2005, p. 188).

Na citação acima a autora nos mostra que o racismo não é herdado geneticamente e sim socialmente e historicamente com base na escravidão dos povos indígenas e africanos. Preconceito esse gerado a partir da ideia de que existe uma raça superior à outra; brancos (europeus) superiores aos negros (africanos), pensamento eurocêntrico que se perpetua na sociedade em que vivemos até os dias de hoje. Sobre esse fato a autora abaixo ressalva:

Qualquer fenômeno que justifique as diferenças, preferências, privilégios, dominação, hierarquias e desigualdades materiais e simbólicas entre seres humanos, baseado na ideia de raça. Pois, mesmo que essa ideia não tenha nenhuma realidade biológica, o ato de atribuir, legitimar e perpetuar as desigualdades sociais, culturais, psíquicas e políticas à “raça” significa legitimar diferenças sociais a partir da naturalização e essencialização da ideia falaciosa de diferenças biológicas que, dentro da lógica brasileira, se manifesta pelo fenótipo e aparência dos indivíduos de diferentes grupos sociais (SCHUCMAN, 2010, p. 44)

Segundo a autora citada acima os atos racistas têm sido legitimados pela categoria “raça”, por mais que já tenha sido comprovado que não existem “raças” além dos seres humanos, as diferenças físicas se destacam principalmente a cor da pele para assim naturalização das desigualdades raciais, sociais, culturais, psíquicas e políticas enfrentadas por diversos grupos sociais existentes no Brasil.

Este projeto tem como objetivo geral, entender as razões da existência do racismo perpetuado a cada geração de algumas famílias do bairro Conjunto Timbó localizado na cidade de Maracanaú-CE e como objetivos específicos compreender o porquê do racismo velado dentro desses lares familiares; identificar a existência do racismo estrutural em algumas dessas famílias maracanauenses e analisar de que maneira ocorre a perpetuação do racismo no seio de algumas dessas famílias ainda que haja a negação deste por parte das pessoas que o pratica.

O racismo no bairro Conjunto Timbó tem sido perpetuado através de algumas famílias principalmente por expressões e falas preconceituosas ditas dentro de casa pelos avós, pais, tios e etc. Tais como: “Não quero que minha neta case com um negro”, “Filha você vai querer ter um filho preto do cabelo ruim?”, “Sobrinha tu sabe que ninguém deve confiar em um negro” dentre diversas outras que ouvimos, nas quais tentam excluir o negro do seio familiar em que vivem. Até existem algumas famílias negras que não se legitimam como negras, muitas cometem atos racistas contra outros negros da própria casa, pelo fato deles terem a pele mais escura, tentam sempre inferiorizar sem procurar conhecer a fundo quem é aquela pessoa, sem defini-la pela cor da sua pele, conhecendo-a pelo seu caráter e os valores que ela cultiva.

Diante do exposto levantamos as seguintes inquietações ou situações-problemas: Como o racismo se perpetua de geração a geração de algumas das famílias de Maracanaú? Qual a importância da desconstrução do racismo nessas famílias? Por que o racismo está presente em algumas dessas famílias, mesmo havendo integrantes negros em sua composição?

Ao tentar entender porque o racismo ocorre com tanta persistência nas famílias de Maracanaú e como respostas às inquietações acima mencionadas levantamos as seguintes hipóteses.

- a) O racismo vem sendo perpetuado em algumas famílias do bairro Conjunto Timbó porque não há a conscientização por parte dos membros dessas famílias do pensamento preconceituoso e discriminatório que lhes foi fixado através dos ensinamentos e práticas racistas vivenciadas no seio familiar.

- b) O racismo pode ser desconstruído no seio de algumas dessas famílias a partir do levantamento de uma reflexão acerca do processo sócio-histórico da sociedade brasileira, bem como a conscientização sobre as características físicas que diferenciam todos os seres humanos, mas não os tornam inferiores uns aos outros, de modo a permitir que as gerações futuras se libertem do racismo.
- c) Existe uma naturalização do racismo presente na reprodução de falas e “brincadeiras” preconceituosas que inferiorizam os seus parentes negros, um hábito que vai sendo transmitido para outros ambiente fora do âmbito doméstico, ou seja, reproduzem o racismo na sociedade.

Vemos que no Brasil o racismo é especificamente velado e sutil, o que acaba por favorecer o não reconhecimento jurídico das desigualdades raciais existentes até os dias de hoje. Guimarães (2006) aponta a democracia racial como parte de um imaginário brasileiro na qual constrói um ideal que a maioria dos brasileiros não querem abrir mão. Nesta mesma direção Hasenbalg (1978) afirma que a democracia racial foi uma ideologia produzida pelos intelectuais brancos, com a intenção de socializar a população brasileira de brancos e não brancos como iguais, sendo essa uma forma de evitar um conflito racial no país.

Atualmente o racismo não necessita da ideia de raça para ser legitimado, pois com o passar dos anos ele tem acompanhado as mudanças na sociedade brasileira e assim transformado suas formas de ser legitimado socialmente, através de mecanismos que mantêm as posições de poder entre os brancos e não brancos, Schucman (2010) cita este argumento para explicar o porquê da permanência do racismo no Brasil até hoje.

A realização da pesquisa proposta poderá trazer uma grande reflexão sobre o racismo nessas famílias, possibilitando ainda a desconstrução de comportamentos, falas e atitudes racistas perpetuadas dentro dos lares por pais e parentes, de modo a contribuir para descolonizar o pensamento eurocêntrico de superioridade entre brancos e negros. Ademais acreditamos que com a realização, por meio dos questionamentos feitos a algumas dessas famílias elas perceberão o racismo, de modo que podem adotar comportamentos antirracistas, portanto, justificamos e julgamos necessária a realização dessa pesquisa.

O embasamento teórico deste trabalho se dará com a utilização de autores como GUIMARÃES (2006), SCHUCMAN (2010);(2017), DOMINGUES (2008), FREYRE (1933), FREEMAN (2015), TOMÁS (2016), MUNANGA (2000), MINAYO (2002), dentre outros autores que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa. Para concretização dessa

empreitada, metodologicamente trabalharemos com o método qualitativo, juntamente com a técnica de entrevistas semiestruturada, assim como a observação, já que também resido e convivo com as famílias de Maracanaú.

Por fim, este trabalho irá dispor em sua estrutura das seguintes partes: introdução, objetivo geral e específicos, problematização, hipóteses, justificativa, referencial teórico, metodologia, considerações finais e referências bibliográficas. Além disso, traremos o esboço de dois futuros capítulos. O primeiro diz respeito, à conceituação do racismo e um breve histórico do racismo no Brasil, no Ceará e em Maracanaú, visto que no Ceará a uma negação em relação a existência do negro e do indígena em sua construção histórica, na qual as pessoas pensam não ser relevante essa discussão. O segundo diz a respeito das relações raciais presentes nos lares de algumas famílias maracanauenses, visto que muitas das vezes essas famílias não se legitimam negros e tentam apagar as características da sua negritude, como por exemplo alisando seus cabelos crespos.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Entender as razões da existência do racismo perpetuado a cada geração de algumas famílias do bairro Conjunto Timbó localizado na cidade de Maracanaú-CE.

2.2 Objetivos Específicos

- a) Compreender o porquê do racismo velado dentro desses lares familiares.
- b) Identificar a existência do racismo estrutural nas famílias maracanauenses.
- c) Analisar de que maneira ocorre a perpetuação do racismo no seio destas famílias.

3 PROBLEMATIZAÇÃO

Como foi mostrado na introdução, o racismo é um problema que atinge todas as estruturas da sociedade brasileira até os dias de hoje. Todavia é a partir do processo de escravização dos povos negros que as relações inter-raciais se iniciam de forma forçada através do estupro, da violência sexual ou de envolvimento afetivo entre os brancos

(portugueses), as indígenas e as negras escravizadas resultando assim, na mestiçagem de muitas famílias brasileiras.

Segundo Tomás (2016) muitos estudos focados em relações raciais nas famílias brasileiras estão restritos às análises sobre os casamentos inter-raciais, as diferenças socioeconômicas nessas famílias com responsáveis negros e brancos ou a busca do entendimento sobre as relações entre as famílias e outras instituições, como por exemplo a escola. Entretanto, Freeman (2015) ao estudar as famílias brasileiras não apenas um indivíduo a autora aprofunda sua pesquisa nas relações mais íntimas, explorando assim a socialização racial como a transmissão de significados aos seus familiares e os limites raciais entre um casal interracial, ressaltando também o desenvolvimento do capital racial, as estratégias para que a família interracial consiga manter o status social que ela possui dentro da sociedade. Ou seja, os filhos de casais interraciais, sobretudo as meninas, passam pelo processo de alisamento e os meninos tem os cabelos cortados baixinhos para esconder as características de sua negritude. A partir do momento que a ação é concretizada, finalmente a filha ou o filho está enquadrado nos padrões de beleza existentes na sociedade, de modo a inferiorizar a beleza negra, na medida em que foi retirado as características que os ligavam ao grupo negro.

É a partir do exposto acima que nos inquietamos com algumas das famílias maracanaenses, já que acreditamos que tais famílias tentam deslegitimar do núcleo as pessoas que possuem as características de negritude.

Nesta perspectiva essa pesquisa tem a intenção de confrontar o racismo existente em algumas dessas famílias de Maracanaú-Ce, ao mesmo tempo conscientizá-las sobre a importância da legitimação da negritude dentro e fora do lar. Diante do exposto surge as seguintes indagações: Como o racismo se perpetua de geração a geração de algumas das famílias de Maracanaú? Qual a importância da desconstrução do racismo em algumas famílias? Por que o racismo está presente em algumas dessas famílias da cidade de Maracanaú, ainda que haja integrantes negros em sua composição? São essas perguntas que a pesquisa de campo tentará responder.

4 HIPÓTESES

O racismo tem estado presente no seio familiar brasileiro desde o tempo da escravidão, na qual vem se perpetuando, mesmo após a interrupção do tráfico. As relações

raciais nas famílias do Brasil fazem parte da construção da identidade étnica, na qual por diversas vezes tem sido negada e deslegitimada pelas famílias de Maracanaú-Ce. Com base nos apontamentos acima, levantamos as seguintes hipóteses:

- a) O racismo vem sendo perpetuado em algumas das famílias do bairro Conjunto Timbó porque não há a conscientização do pensamento preconceituoso e discriminatório que lhes foi fixado através dos ensinamentos e práticas racistas vivenciadas no seio familiar;
- b) O racismo pode ser desconstruído no seio de algumas dessas famílias, a partir do levantamento de uma reflexão acerca do processo sócio-histórico da sociedade brasileira, assim como por meio da conscientização das diferenças existentes entre os humanos, que não os tornam inferiores;
- c) Existe uma naturalização do racismo presente na reprodução de falas e “brincadeiras” preconceituosas que inferiorizam os seus parentes negros, hábito transmitido para além do ambiente familiar.

Pensar sobre o racismo é pensar também em uma sociedade que se estrutura dentro do preconceito e da opressão. Brancos sendo privilegiados, enquanto os negros oprimidos e inferiorizados. O racismo não ofende apenas com palavras, o racismo mata todos os dias um negro, ele destrói vidas. Ser negro e se legitimar como tal é algo complicado, pois a todo momento o medo o acompanha já que foi criado no imaginário brasileiro a ideia de que todo negro é marginal. A seguir abordaremos as razões pelas quais optamos por realizar esta pesquisa e o que nos levou a desejar escrever sobre algo tão complexo que é o racismo presente em algumas das famílias do bairro Conjunto Timbó da cidade de Maracanaú-Ce.

5 JUSTIFICATIVA

Nasci e cresci na cidade de Maracanaú-Ce, conforme fui crescendo notei dentro da minha casa a existência do racismo, muitas vezes velado ou negado por parte dos praticantes, a percepção desse racismo era notada a partir das vivências com os meus avós que dispensavam um tratamento diferenciado a minha irmã mais nova que nascera com a cor da pele mais escura que a minha. Diante de inúmeras brigas entre meus pais e meus avós, percebi o quanto minha irmã vinha sendo excluída por parte dos avós paternos, quando presenteavam frequentemente a mim e ao meu primo branco e raramente ofertavam algo para minha irmã. Além disso, eles

chegaram a solicitar que fosse feito um exame de DNA² para confirmar a paternidade da neta, o que foi negado por meus pais.

Por diversas vezes, me questionei por qual motivo aquelas situações aconteciam, sentia que não era justo excluir uma pessoa por causa da cor da sua pele fazendo-a sentir-se inferior. Ela era apenas uma criança sofrendo por algo que não entendia, principalmente por haver na família a variação de tons de pele, já que meu pai era o que possuía a pele mais escura dentre os três filhos de nossos avós.

Essas atitudes racistas se perpetuam até os dias de hoje por meio de falas do tipo: “Olha que nego feio, parece um macaco”; “Como um neguinho feio desse conseguiu ser ator?” Em meio à alguma cena de uma novela ou filme e dentre outros comentários ofensivos que tentavam fixar na minha mente que uma pessoa negra era ruim, criminosa e feia. Por mais que eu não entendesse sobre o racismo, nunca me permiti olhar para uma pessoa negra como sendo inferior a mim ou qualquer outra pessoa pois não queria discriminá-la.

Segundo o Censo de 2010, 31% dos casamentos brasileiros eram entre pessoas que se classificavam como sendo de raças diferentes, casamentos esses inter-raciais que fazem parte da construção étnica da população brasileira. De acordo com a autora Schucman (2017) a poucos estudos em nosso país na área da psicologia que possa investigar como se estruturam essas famílias brasileiras a respeito das hierarquias raciais. A mesma autora também aponta ser raros os estudos sobre os processos de racialização dos filhos desses casais inter-raciais e por fim diz ser mais raro ainda a ausência de trabalhos que falem sobre a identidade “mestiça” nas experiências cotidianas desses sujeitos.

A pesquisa realizada por Elizabeth Hordge Freeman (2015), e publicada no livro: *The Color of Love: Racial Features, Stigma, and Socialization in Black Brazilian Families*, aborda o tema da racialização e dos vínculos afetivos aprofundados, bem como as relações dentro dos lares dessas famílias, a autora destaca:

Qualquer esforço no sentido da igualdade racial no Brasil deve considerar envolver as famílias, pois dinâmicas racializadas internas ao grupo podem comprometer o bem-estar subjetivo de maneiras que podem ser mais devastadoras do que a desigualdade estrutural. Então, o que o amor tem a ver com tudo isso? Nas famílias, o amor está presente, mas como um recurso emocional, o que o amor se parece pode depender de como você parece (FREEMAN, 2015, p. 71).

² Nomenclatura de ácido desoxirribonucléico, composto orgânico formado por moléculas que apresentam todas as informações e instruções genéticas de um indivíduo.

O público da pesquisa que ora apresento, serão algumas famílias do município de Maracanaú-Ce, especificamente as residentes no bairro Conjunto Timbó. Acredito na relevância dessa pesquisa, pois salvo engano não há estudos relacionados ao racismo existente em algumas das famílias maracanauenses. Ademais esta pesquisa oportuniza ouvir pessoas que, supostamente, são inferiorizadas e discriminadas pelos próprios parentes.

Foi a partir das situações vivenciadas tanto em minha família quanto em diversos lares da cidade de Maracanaú que despertou o meu interesse pela temática, uma vez que o racismo está presente em toda sociedade: tais como escolas, religiões e empresas. Enfim, em todos os setores já que ele é estrutural. O racismo não é e não será um caso isolado da minha família, mas uma mazela que acomete todo Brasil. Deste modo, almejamos compreender de que maneira o racismo vem sendo perpetuado de geração a geração, por meio de algumas dessas famílias. Visamos ainda com a realização desta pesquisa contribuir para o combate das influências discriminatórias existentes em alguns lares do bairro Conjunto Timbó.

É importante refletirmos sobre a tomada de qualquer atitude para com o outro, ou seja, olharmos o próximo enxergando a nós mesmos para que assim não venhamos discriminá-los pelo tom de sua pele, pelo seu cabelo crespo ou quaisquer características que o faça diferente, na medida em que elas podem revelar a diversidade de uma sociedade que parte complementar de um todo. Deste modo justificamos a realização da presente pesquisa.

Dentre as obras utilizadas e revisadas para a construção dessa pesquisa destacamos: Guimarães (2006) orienta a pesquisa a partir da sua discussão acerca do mito da democracia racial, forjado por Freyre (1933) em sua obra *Grande e Senzala*. Schucman (2010) irá orientar sobre o uso da categoria raça na produção do racismo, com base no pensamento eurocêntrico. Domingues (2008) nos norteará com seus apontamentos acerca do movimento negro brasileiro e os dilemas enfrentados pelo racismo. Tomás (2016) nos conduz as relações raciais presentes nas famílias brasileiras. Enquanto Schucman (2017) irá apontar os impactos das vivências do racismo dentro dos lares na construção do sujeito racializado. Freeman (2015) vai contribuir na problematização ao estudar as relações raciais intimamente relacionadas aos lares das famílias brasileiras e por fim, utilizaremos a autora Minayo (2002) para auxiliar na abordagem do método qualitativo, bem como das técnicas de pesquisa.

A escolha do método de pesquisa qualitativo e a técnica de entrevista semiestruturada se deu por entender que elas permitem uma compreensão profunda da

vinculação que existirá entre o investigador e a família entrevistada, preocupa-se com a realidade presente do objeto de estudo e também irá responder às questões particulares de cada família entrevistada. Na qual o mesmo irá ajudar a identificar, bem como analisar mais profundamente o racismo presente no seio de algumas dessas famílias maracanauenses.

5.1 Referencial Teórico

Mesmo após o fim da escravidão a sociedade brasileira continuou a excluir os negros socialmente e a marginaliza-los através do preconceito racial, dificultando para os mesmos mudanças na condição de vida e do seu status social. Atualmente ainda vemos a população negra sendo invisibilizada e desvalorizada, não apenas pela sociedade como também pelos próprios negros, devido a educação racista que receberam do sistema educacional brasileiro.

No entanto, segundo Conceição (2016) a promulgação da Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e particulares do ensino fundamental ao médio, em seus 10 anos de promulgação trouxe alguns avanços quanto a visibilidade acerca dos temas sobre a cultura africana e afro-brasileira no âmbito escolar, disponibilizou também cursos de capacitação para os professores sobre a educação étnico-racial, dentre outros. Entretanto há uma resistência preconceituosa e desrespeitosa em relação as religiões de matriz africana na qual em algumas escolas são excluídas do conteúdo didático.

Para a realização desta pesquisa alguns autores serviram de guia, dentre os quais: Schucman (2010) que irá nos orientar no que tange o uso da categoria raça na produção do racismo. Guimarães (2006) que orientará acerca do conceito de mito da democracia racial, na qual especialmente Freyre (1933) sedimentou o terreno para disseminação desse mito, forjado em sua obra *Casa Grande e Senzala*. Já Domingues (2008) nos norteará com seus apontamentos acerca do movimento negro brasileiro e os dilemas enfrentados, a partir do racismo. Tomás (2016) nos conduz, no que tange às relações raciais presentes nas famílias brasileiras.

Enquanto Schucman (2017) irá nos auxiliar quantos aos impactos das vivências do racismo dentro dos lares e sobretudo na construção do sujeito racializado. Quanto à problematização das relações raciais intimamente persistentes nas das famílias brasileiras, Freeman (2015) nos guiará. Deste modo, esses autores de áreas diferentes embasam

teoricamente este projeto. Ademais o referencial traz ainda dois subitens com a pretensão de serem transformados em capítulos da pesquisa que será desenvolvida posteriormente.

5.2 Capítulo I - Lá e aqui: os danos causados pelo racismo

Neste capítulo pretendemos discorrer sobre o conceito de racismo, revelando um breve histórico acerca do racismo no Brasil, enfatizando a cidade de Maracanaú.

Os colonizadores portugueses chegam ao Brasil por volta de 1500, iniciando deste modo o processo de escravização dos povos indígenas que habitavam essas terras. Pouco tempo depois os portugueses passaram a traficar negros que lotavam embarcações, conhecidas como “navios negreiros”. Os negros eram arrancados do continente africano para servirem como escravos nas lavouras brasileiras.

Segundo Schman (2010) o racismo surge após a criação do conceito de raça, na qual inferioriza determinados grupos étnicos por suas diferenças fenotípicas, como por exemplo, a cor da pele, o cabelo crespo ou o formato da sua cabeça. Com base na ideologia das diferentes características físicas, estudos de base genética fortaleciam a ideia de pureza racial, nas quais os colonizadores eram superiores. A partir de tais premissas justificavam o processo de escravização dos povos indígenas e africanos.

Dialogando com o conceito de raça, Guimarães (2006) discute sobre o mito da democracia racial que carrega a ideia de uma sociedade feita sem empecilhos para a ascensão social dos ex-escravizados, na qual os mesmos poderiam conquistar posições privilegiadas e até cargos importantes no país.

Freyre (1933) em sua obra *Casa Grande e Senzala* trata o processo de escravidão a partir da ideia do mito da democracia racial, na qual fala sobre a existência de uma relação pacífica e harmoniosa entre o senhor e seu escravo. No entanto, sabemos que na verdade o escravizado perante o senhor era visto a partir da inferiorização, subordinação e humilhação da população negra. Para Munanga (2000) o mito acima referido, foi responsável por propagar o racismo de forma velada e dissimulada, a partir do ponto de vista liberal e democrático no Brasil.

No estado do Ceará há forte negação do negro e indígena na composição étnica. A não legitimação do ser como negro contribui para a propagação do racismo na sociedade e nas famílias. Muitas vezes, esse racismo é velado por parte de quem o pratica. O cearense nega ser racista, mas em algum momento da sua vida comete algum ato de discriminação e preconceito.

Podemos verificar tal fato, através do olhar de estranheza diante de uma pessoa negra, olhar esse de ridicularização pela cor mais escura de sua pele, de comparação dos mesmos a assaltantes e do racismo presente em toda a sociedade.

Segundo Domingues (2008) após a abolição da escravatura e a proclamação da república, a população negra não ganhou nada que pudesse contribuir para o início da suposta liberdade, ou seja, nenhum bem material ou simbólico, ao contrário os mesmos foram marginalizados, deixados à própria sorte. A partir disso os ex-escravizados e seus descendentes resolveram agir contra a marginalização de seu povo, assim criaram diversas associações com o intuito de dar assistência, recrear e praticar a sua cultura de forma livre.

Em Maracanaú-Ce o racismo está presente por toda sociedade, que no dizer de Silvio Almeida (2019) é estrutural. Todavia, é em algumas famílias que ele tem se difundido e perpetuado a cada geração. O racismo parte de dentro para fora do lar, através das vivências preconceituosas presenciadas e vividas no seio dessas famílias, nas quais, é comum o hábito de inferiorizar a população negra onde ela estiver. Por exemplo, há exclusão em sala de aula, nas ruas, ao ver um negro ou uma negra correr ou andar apressadamente os julgando marginais.

É notório que na maioria dessas famílias o racismo se apresenta de forma velada, isto é, quem o pratica não se considera racista, ainda acredita que a sua atitude seja apenas uma “brincadeirinha”. Alguns chegam a pensar que o racismo não é uma violência, uma vez que a violência só ocorre quando a pessoa é agredida fisicamente; não percebe o quanto sua fala e comportamentos são opressores a ponto de causar mal à saúde psicológica e mental.

5.3 Capítulo II - Revelando o racismo nas famílias de Maracanaú.

Neste capítulo buscamos refletir compreender de que maneira ocorrem as relações raciais em algumas das famílias residentes no bairro Conjunto Timbó em Maracanaú-CE.

O racismo está presente no imaginário de algumas famílias de Maracanaú-Ce especificamente as residentes do bairro Conjunto Timbó. O racismo se expressa por meio de atitudes preconceituosas, falas ofensivas e no pensamento eurocêntrico que se perpetua desde o processo de colonização do Brasil. Sendo assim, a partir das vivências nos lares dessas famílias compostas por negros e brancos, isto é, interraciais, nas quais o negro é visto por seus parentes como o diferente, o inferior e o feio tornando-o racializado, principalmente pelas características físicas que o distingue dos outros familiares.

Segundo Tomás (2016) há famílias em que a mãe manipula a imagem do filho, como por exemplo a autora cita uma mãe que prende o nariz do seu filho desde que ele é bebê para que conforme for crescendo o nariz “afine”. A autora também fala sobre a preocupação da mãe em preparar o filho para as dificuldades que o mesmo enfrentará na sociedade com relação a sua “raça”.

No seio de algumas famílias maracanaenses as relações raciais se manifestam de diferentes maneiras, podendo ser a partir de comentários que iram inferiorizar e machucar o seu parente negro como por exemplo: “Seu macaco”, “Nasceu neguinho e do cabelo ruim” ou pode se manifestar a partir da exclusão daquele parente por não ter a pele clara como o irmão ou o primo, cabelos crespos e não liso e o nariz largo e não afinado.

Todavia, Schucman (2017) nos diz que durante sua experiência como pesquisadora, por diversas vezes ouviu relatos de pessoas negras rejeitadas por seus familiares brancos, pessoas que frequentemente ouviam da mãe, do pai, da tia, da avó ou do primo que tinham o cabelo ruim, o nariz largo ou a pele escura demais. Segundo a autora o racismo se faz presente no íntimo dessas famílias, tornando preciso compreender a família através de uma intersecção entre realidade social e vida psíquica.

Ademais, Freeman (2015) analisa as relações raciais nas famílias em seu íntimo, explorando a socialização racial como uma maneira de transmissão dos limites e significados raciais, fortalecimento do capital racial e estratégias para a convivência e a gestão das suas posições na sociedade brasileira, ou seja, o seu status social. Além do mais, de acordo com a autora, os resultados da sua pesquisa apontaram diferenças no tratamento dos familiares com base no fenótipo de cada membro da família.

Revelar o racismo existente nos lares, bem como refletir sobre o comportamento dos familiares brancos em relação aos negros pode levar a conscientização de suas atitudes preconceituosas, de modo a romper com as hierarquias raciais ensinadas e repassadas de geração a geração. No entanto, não são mudanças fáceis na medida que o racismo praticado em algumas das referidas famílias do Conjunto Timbó é velado, além disso, em grande parte dessas famílias se tornou natural ofender e excluir os parentes com a pele mais escura.

Todavia, para que haja desconstrução do racismo em algumas das famílias maracanaenses, é preciso que o racista tome consciência de que o racismo velado no lar é preciso ser posto em tela, para que o negro não seja julgado e oprimido pelas características físicas que o difere de outras pessoas. Neste sentido, a desconstrução pode permitir que seja

eliminado o sentimento de exclusão e inferiorização que foram atrelados ao integrante negro ou negra da família, tantas vezes racista e opressora.

6 METODOLOGIA

O racismo atinge a população negra maracanaense, manifestando-se a partir do nascimento de um negro em uma família com brancos, o preconceito racial incorporado nos mesmos tende a se revelar com pequenos atos racistas que, com o passar do tempo vai crescendo de tal modo que se torna um emaranhado de discriminações e preconceitos. Todavia, essas discriminações e preconceitos vão além da cor de sua pele, chegando a discriminar as pessoas pela prática das religiões de matriz africana, como por exemplo o candomblé vulgarmente chamado de “macumba” ou “feitiçaria”. Além disso, na escola a semana da consciência negra é vista de forma preconceituosa, racista sendo pouco aceita pelos estudantes, dentre os quais grande parte inferioriza e faz chacota das atividades realizadas em alusão aos negros africanos e brasileiros.

A metodologia é de suma importância para a realização da pesquisa, pois ela aliada às técnicas irá permitir analisar os comportamento racistas herdados de gerações anteriores, uma vez que os dados empíricos sozinhos não explicam os acontecimentos da sociedade atualmente, portanto o método que trabalharemos será o qualitativo a fim de compreender melhor as relações raciais em algumas famílias do bairro Conjunto Timbó. Ao mesmo tempo buscará confrontar o racismo velado que ocorre entre as famílias acima mencionadas.

Segundo Minayo (2002) o método de pesquisa qualitativo possibilita um aprofundamento nos significados das ações e das relações humanas dentro e fora do lar, tornando assim possível uma maior compreensão da realidade vivida no seio familiar e socialmente em Maracanaú.

6.1 Tipo de Pesquisa

Utilizaremos o método de abordagem qualitativa, para que possamos obter êxito na pesquisa de acordo com o que esperamos proporcionar através dela a algumas dessas famílias e também obter as respostas acerca dos questionamentos levantados para a elaboração desse projeto.

A escolha de pesquisa qualitativa se deu por entender que a mesma permite estabelecer um vínculo entre o pesquisador e a família entrevistada, facilitando assim a

compreensão das vivências racistas presentes em seus lares e possibilitando obtermos as respostas às questões particulares de cada uma dessas famílias, ou seja, esse método nos fará mergulhar verdadeiramente na análise das experiências racistas mais íntimas em algumas das referidas famílias do bairro Conjunto Timbó em Maracanaú-Ce. Desse modo, a pesquisa qualitativa nos ajudará uma vez que:

[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2002, p. 21-22)

Segundo a autora citada acima é a pesquisa qualitativa que nos possibilita um maior entendimento acerca dos fatos que não são apresentados, possibilitando assim que os saberes preconceituosos e racistas herdados a cada geração dessas famílias sejam desconstruídos no seio familiar.

O método qualitativo divide sua abordagem em três etapas, sendo elas as seguintes: primeiro temos a fase exploratória na qual exploraremos os textos bases para a realização da pesquisa; já a segunda fase é o trabalho de campo, ou seja, o pesquisador irá em busca das respostas necessárias para confirmação ou a negação das hipóteses levantadas bem como verificar se o objetivo de estudo foi cumprido; por fim, temos a terceira e última fase análise e tratamento de todo o material empírico e documental coletado a partir da ida a campo e dos textos que embasam teoricamente a pesquisa, para que assim novos saberes possam ser construídos, sem deixar de lado os que já são fontes documentadas.

6.2 Técnicas Utilizadas

Para aprender de que maneira o racismo acontece em algumas das famílias do bairro Conjunto Timbó como técnica de pesquisa para coleta de dados utilizaremos entrevistas semiestruturadas, captadas por meio do gravador de celular, pois as falas poderão ser ouvidas quantas vezes forem necessárias para o melhor aproveitamento de cada questão a ser trabalhada, além disso, o roteiro de entrevista terá questões fechadas e abertas, já que os colaboradores poderão responder como se fosse uma conversa informal sem que pareça um interrogatório, podendo deixar o entrevistado à vontade, a ponto de permitir confiança entre entrevistador e entrevistado para que o mesmo repasse seus conhecimentos.

6.3 Delimitação do Local de Pesquisa

A pesquisa será realizada no Bairro Conjunto Timbó, localizado na cidade de Maracanaú-Ce, região metropolitana de Fortaleza-Ce, distante aproximadamente 20 km da Capital do Estado do Ceará

6.4 Descrição dos participantes e critérios de participação

Para a realização da presente pesquisa, foco deste projeto, é de grande importância a participação das famílias que serão entrevistadas, nas quais serão priorizadas suas falas e vivências para iniciarmos as análises das relações raciais no âmbito familiar.

Entrevistaremos homens, mulheres e jovens pois é importante que todos sejam ouvidos e assim possam expressar como se sentem acerca das experiências racistas vividas no seio familiar. Portanto formulamos os seguintes critérios de participação.

6.5 Critérios de escolha dos participantes da pesquisa

- a) Residir no bairro Conjunto Timbó em Maracanaú-Ce;
- b) Homens e mulheres com idade entre 14 e 36 anos;
- c) Dispor de familiares negros no seio familiar;

6.6 Código de Ética

O código de ética na pesquisa é extremamente importante pois confronta más condutas que possam ocorrer durante a realização da pesquisa como por exemplo, plágio ou manipulação dos resultados, garantindo assim aos participantes total autonomia e proteção. Todavia é através da definição dessas normas que o meio científico, ou seja, o pesquisador responsabiliza-se por cumpri-las e por serem punidos, em casos de má conduta do fazer acadêmico.

Os participantes ao serem convidados para esta pesquisa serão informados a respeito de todo o processo, evidenciando que os mesmos são livres para abandonar a pesquisa quando quiserem, sem que haja penalidades ou punições e sem custo algum para a participação na pesquisa. Além disso, informarei sobre o sigilo que terá desde as informações, gravações, transcrições e até mesmo em conversas informais que ocorrem a respeito do tema investigado. Também indagarei se os colaboradores permitirão o uso de seus nomes oficiais; caso seja

solicitado alterarei a identificação, informando ainda que os dados coletados serão utilizados apenas em estudos e produções científicas.

7 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Calendário das Atividades	Período					
	1º mês	2º mês	3º mês	4º mês	5º mês	6º mês
Revisão Bibliográfica	X	X	X			
Fichamento das bibliografias e recolha dos dados		X	X	X		
Pesquisa de Campo				X	X	
Análise dos dados e discussão teórica			X	X	X	
Escrita da monografia			X	X	X	X
Revisão do texto final						X
Apresentação dos resultados ou defesa pública						X

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil é um país multirracial, no qual está presente uma grande variedade de grupos étnicos importantes para a construção da identidade brasileira. Porém, nem sempre todos os grupos são reconhecidos pelos seus feitos, como por exemplo os povos indígenas e africanos, estes últimos foram escravizados. Entretanto, trouxeram consigo sua cultura, suas religiões, as comidas, a dança e etc. Ademais, foram impedidos de praticarem suas expressões culturais por bastante tempo; até hoje o brasileiro tende a não reconhecer suas origens africanas e as deslegitimarem diante da sociedade.

O racismo não é vivenciado apenas em alguns lares familiares, pois também está presente nas escolas e por toda a sociedade, observamos que o preconceito parte do pensamento eurocêntrico enraizado na população, valorizando somente aquilo que vem do branco, considerado bom. Entretanto é importante destacarmos o racismo velado e mascarado presente no seio de algumas famílias do bairro Conjunto Timbó, para que a partir deste possa caminhar para desconstruí-lo nessas famílias seguintes às gerações anteriores, evitando que haja reprodução das experiências racistas vivenciadas.

Deste modo a partir da hipótese aqui formulada acreditamos ser possível que o racismo seja desconstruído no seio de algumas dessas famílias, a partir do levantamento de uma reflexão acerca do processo sócio-histórico da sociedade brasileira, bem como a conscientização sobre as características físicas que diferenciam todos os seres humanos, mas não os tornam inferiores uns aos outros, de modo a permitir que as gerações futuras se libertem do racismo.

Diante do exposto, sabemos que ao irmos a campo poderá aparecer dificuldades na realização da pesquisa, cujo foco é o racismo intrafamiliar, porém continuaremos a trabalhar em busca das respostas para os questionamentos levantados, com vistas a contrapor ou afirmar as hipóteses formuladas. Intencionamos com a concretização desta pesquisa que a mesma se torne um instrumento capaz de romper com o racismo perpetuado de geração a geração dentro das famílias de Maracanaú-Ce, já que pretendemos divulgá-las em escolas, secretárias de educação, igrejas e outras redes. Objetivando ainda ser um incentivo para a população branca desmistificar seu pensamento racista e também incentivar a criação de novas produções científicas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio, Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- CONCEIÇÃO, Joalice, Santos. Quando o assunto é sobre religiões de matriz africana: Lei 10.639/2003. **Revista FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Bahia, v. 25, n. 45, p. 01-14, 2016. DOI: <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.v25.n45>. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faceba/article/view/2289>. Acesso em: 05 de outubro de 2020.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos. **Revista Dimensões**, Espírito Santo, v. 21, p. 01-24, 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2485/1981>. Acesso em: 10 de maio de 2019.
- FREEMAN, Elizabeth, Hordge. ***The Color of Love: Racial Features, Stigma, and Socialization in Black Brazilian Families***. 1. ed. Austin: University of Texas Press, 2015.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt Ltda, 1933.
- GUIMARÃES, Antônio, Sérgio, Alfredo. Democracia racial. **Revista de Sociologia da USP - Tempo Social**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 01-19, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a14v18n2>. Acesso em: 20 de junho de 2019.
- HASENBALG, Carlos, Alfredo. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- HASENBALG, Carlos, Alfredo. ***Race Relations In Post-Abolition Brazil: The Smooth Preservation of Racial Inequalities***. 1978, Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade da Califórnia, Berkeley, 1978.
- LOPES, Vera, Neusa. Racismo, preconceito e discriminação. In: MUNANGA, Kabengele. (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da educação, 2005, p. 185-204.
- MINAYO, Maria, Cecília, Souza de.; DESLANDES, Suely, Ferreira.; NETO, Otávio, Cruz.; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21º. ed. Petropolis, Vozes, 2002.

MUNANGA, Kabenguele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In*: LIMA, A, A, P. (org.). **Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira**. Niterói: EdUFF, 2000, p. 16-34.

SCHUCMAN, Lia, Vainer. Racismo e Antirracismo: a categoria raça em questão. **Revista de Psicologia Política**, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 41-55, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519549X2010000100005. Acesso em: 17 de outubro de 2019.

SCHUCMAN, Lia, Vainer.; GONÇALVES, Mônica, Mendes. Racismo na família e a construção da negritude: embates e limites entre a degradação e a positividade na constituição do sujeito. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade**, Bahia, v. 2, n. 4, p. 01-23, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v0i4.2366>. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/2366>. Acesso em: 13 de janeiro de 2020.

TOMÁS, Maria, Carolina. Relações raciais nas famílias brasileiras. **Revista Brasileira de Estudos com a População**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p. 703-710, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010230982016000300703&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 de abril de 2020.